

A principal coisa hoje é parar o desânimo

Uma conversa com o ministro da Cultura de Cuba, Abel Prieto Jimenez, faz-nos lembrar que “devemos vencer a batalha da consciência e das ideias” em um mundo onde alguns dizem que o pensamento revolucionário é uma coisa de museus

Alina Perera Robbio,
especial para o Granma

• CARACAS.— A grande batalha que vem sendo travada hoje, em nível global, mais do que acerca de espaços físicos, é na mente de cada um de nós. Revolucionários não faltam, lutadores pelas ideias; mas as forças avançam dispersas perante um bloco poderoso e compacto formado pela mídia, que procura converter o ser humano em refém das suas emoções, desligado da sua capacidade de pensar.

Não é por acaso que em 20 de novembro passado, o presidente bolivariano Nicolás Maduro tenha pedido fazer uma revolução nas comunicações — que inclui os meios de comunicação tradicionais, as redes sociais, as ruas, as paredes — ele nos convidou a fazer um trabalho intenso e necessário, a partir do pensamento progressista.

Justamente acerca dessa urgência tratou o 15º Encontro da Rede de Intelectuais, Artistas e Movimentos Sociais em defesa da Humanidade, que se reuniu aqui durante os dias 6 e 7 de março e contou com a presença de mais de 60 pensadores da Venezuela e outras latitudes.

Sob o nome «Comunicação emancipatória ou pátrias colonizadas», esse fórum, cujo palco foi o salão Grande Marechal de Ayacucho, na Casa Amarela, deixou claro que a inteligência a partir de uma abordagem humanística existe neste mundo, só que deve ser articulada e ser mais ágil na defesa da verdade dos povos. Lá, o ministro da Cultura de Cuba, Abel Prieto Jimenez, expressou que «devemos vencer a batalha da consciência e das ideias».

Minutos antes de começar as sessões do segundo dia, Abel teve tempo para este diálogo, onde falou do momento que nos coube viver e no qual devemos lutar a favor da instauração de um pensamento crítico e revolucionário.

O senhor lembrou nesta reunião que a esquerda não construiu um paradigma, em termos de comunicação, que venha a constituir uma alternativa frente à hegemonia da mídia da direita. O que poderia refletir acerca disso?

«Os intelectuais venezuelanos e de outros países têm falado aqui dessa lacuna que tradicionalmente teve a esquerda, no sentido de poder fundar uma espécie de paradigma, em termos de comunicação, que seja eficaz, perante essa maquinaria mentirosa, caluniosa — à qual podemos colocar todos os adjetivos que possamos inventar — mas que, sem dúvida, tem sido eficaz em domesticar nas consciências, em adormecer o pensamento crítico, de impor às pessoas, por

exemplo, candidatos que lhes oferecem vilas e castelos e que depois atraíam».

«É por isso que vemos pessoas humildes a votarem contra seus próprios interesses; pessoas comuns votando contra o destino de sua pátria, contra as conquistas que foram alcançadas. São coisas assustadoras que têm a ver com o mundo em que vivemos hoje, onde umas poucas empresas da mídia controlam tudo».

«Neste encontro falou-se do papel das redes sociais, de como até mesmo durante os processos eleitorais tem sido bem definido o destinatário das mensagens, a partir do grande banco de dados oferecidos pelas redes sociais, a partir das quais são criados perfis psicológicos das pessoas e são elaboradas mensagens diferentes para cada umas dessas pessoas. Isto é, que existe essa máquina de manipulação e de engano, uma questão que tem sido sempre uma constante nas discussões no seio da Rede em Defesa da Humanidade».

«Lembrei-me de um painel que foi feito na sede do Quartel da Montanha, em dezembro de 2004, onde Hugo Chávez nos conclamou a passar à ofensiva e nos chamou para abrir uma brecha no cerco da mídia. Daí surgiu a ideia da Telesur, que tem sido tão bem sucedida e tem sido tão importante. Já desse tempo estamos falando da maquinaria da manipulação. Mas eu diria que hoje a concentração da mídia, o uso de mecanismos inconscientes nas pessoas tem crescido de uma forma quase orwelliana — pensando naquele famoso livro de George Orwell, 1984, no qual se fala de um mundo vigiado — estamos diante de um enorme desafio e eu acho que a coisa mais importante é tentar estabelecer este novo paradigma, que tem que ser participativo, porque tem que ser o povo revolucionário usando as redes sociais, que se oponha a ser hipnotizado, a ser conduzido como um rebanho, de um lado para o outro. E, ao mesmo tempo, temos de conseguir uma geração de conteúdos. Temos de ser críticos do sistema e, ao mesmo tempo, apresentar propostas».

A partir de 2004 e até o presente, as circunstâncias mudaram significativamente. As adversidades, como o senhor diz, têm aumentado...

«Fidel e Chávez fundaram muitas coisas extraordinárias. Depois, juntaram-se Evo Morales, Rafael Correa, Daniel Ortega, juntou-se a ALBA. Foi derrotada a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), em Mar del Plata, veio um momento verdadeiramente glorioso da esquerda na América. Nestor Kirchner participou dessa derrota da ALCA, e em seguida Cristina. Foi um momento verdadeiramente notável. No Brasil, o Partido dos Trabalhadores (PT) estava no poder. Foi um momento que realmente levantou

muitas esperanças, que transformou a América Latina em um polo».

«Vemos agora como muitos falam do pêndulo. Uma das coisas mais sinistras é aceitar a ideia de que houve um pêndulo para a esquerda e que agora é a vez da reação. É uma loucura, porque a história não se move mediante flutuações de um pêndulo. A história é feita por homens, mulheres, povos, e acho que a principal coisa que hoje é parar a desmoralização, o desânimo, a confusão que existe entre as forças progressistas, parar a ideia de que agora vem um fatalismo, de que podem ocorrer mais dez anos de neoliberalismo em vez de lançar mão das ideias de Martí, do ideário bolivariano de Fidel, de Chávez, da Revolução Cubana e da revolução latino-americana».

«Tudo aquilo que possa acontecer passa, inevitavelmente, pela nossa possibilidade de comunicar-nos de forma eficiente, de forma profunda e séria».

Como assumir o desafio, a partir da esquerda, de continuar lutando, de não desanimar?

«Há unanimidade entre os participantes desta 15ª Reunião da Rede, quanto à necessidade de sairmos daqui com medidas concretas, com um plano de ação».

«Uma das tarefas que pode fazer a Rede é articular os núcleos de resistência cultural, a mídia alternativa, a rádio, o trabalho das guerrilhas digitais nas redes sociais. Há muitas pessoas que não se deixaram vencer e que estão lutando pela emancipação, contra a ofensiva neoliberal, mas elas estão desconexas».

«Eu acho que a rede deve ter como missão a tentativa de articular todas essas forças, e que as pessoas sintam que estamos diante de um front de luta global e que as pequenas guerras, em nível local, não vão resolver o problema, mesmo tenham havido vitórias, inclusive em escala local».

«A ideia de que exista, por exemplo, um monitoramento ético dos meios de comunicação, é importante. Um colega falou no workshop daquela calúnia que apareceu na revista *Forbes* contra Fidel Castro (segundo a qual o líder da Revolução Cubana tinha um fortuna de bilhões e era um dos líderes mais ricos do mundo). E então eu disse ao relator que naquele momento Fidel disse algo transcendental na televisão, na frente de muitos companheiros: que se eles mostravam uma única prova do que havia sido publicado imediatamente ele demitia. E essa réplica a revista *Forbes* nunca publicou».

«A grande mídia diz mentiras e caso houver uma réplica ela nunca aceita que mentiu e a mentira fica pairando no ar. É a teoria de Goebbels: repetir e repetir uma mentira até que se torne verdade. Essa é a filosofia de todos os

MIGUEL FERNÁNDEZ



Abel Prieto, ministro da Cultura.

grandes meios de comunicação do momento».

«Falou-se neste workshop do que foi feito na Venezuela, com as *guarimbas* (atos de desobediência civil), como circularam imagens on-line de atos de violência, de decapitação, espancamentos que nem sequer tinham ocorrido e que foram atribuídos à polícia e ao governo bolivariano, em supostos confrontos com manifestações da oposição. Isto é, que continuamente estavam circulando as injúrias. Bem, fala-se sobre o pós-verdade, de fatos absolutamente inventados, com objetivos desestabilizadores que, de repente, se tornam virais nas redes e que as pessoas acreditam neles».

«A situação é terrível. Os principais meios de comunicação têm formado uma massa de pessoas — especialmente os jovens que estão muito conscientes do que acontece, o que se move nas redes — que são muito crédulos. Então eu acho que a outra coisa que deve ser feita é incentivar, particularmente nos adolescentes, o estudo crítico desses fenômenos da comunicação».

«Temos de incentivar o uso da inteligência. Lembremos aquilo que Fidel disse muitas vezes: eles querem desmontar nosso aparelho de pensar. Esse é o grande projeto: que as pessoas não pensem, que as pessoas não avaliem criticamente as mentiras que estão sendo espalhadas».

«O outro de qual se tem falado nestas horas é o que é comumente conhecido como formação de jovens quadros, formação de quadros revolucionários. Quanto a eles cabe, é preciso incluir o tema das novas tecnologias, a necessidade de dominá-las, a questão da batalha das ideias nas redes sociais».

«Neste momento fazemos uma pergunta: Será que vamos deixar que o pensamento de Fidel, das gerações em Cuba e na América Latina seja vistos como algo arqueológico, como algo do passado? Será que os venezuelanos vão deixar que o pensamento de Chavez fique hospedado em um museu, como algo que aconteceu, mas que não é mais válido? Eu acho que isso tem muito a ver conosco». •